

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS**

**GISELE MARIN MEDEIROS**

**A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DE INGLÊS  
FORMADA EM CONTEXTO INFORMAL E SUA PRÁTICA.**

**JARDIM  
2011**

**GISELE MARIN MEDEIROS**

**A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DE INGLÊS  
FORMADA EM CONTEXTO INFORMAL E SUA PRÁTICA.**

**Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras  
Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Licenciado em Letras.**

**Orientadora: MSc. Roseli Peixoto Grubert Martinez.**

**JARDIM  
2011**

## FICHA CATALOGRÁFICA

MEDEIROS, G. M.

A Trajetória de uma Professora de Inglês Formada em Contexto Informal e sua Prática. / Gisele Marin Medeiros – Jardim: [s.n.], 2011.  
29 f.

TCC (Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Msc. Roseli Peixoto Grubert Martinez

1. Formação de Professores. 2. Métodos. 3. Ensino de Língua Inglesa.

É concedida a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópias deste Trabalho de Conclusão de Curso, somente para fins acadêmicos científicos.

---

Gisele Marin Medeiros

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**GISELE MARIN MEDEIROS**

### **A TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DE INGLÊS FORMADA EM CONTEXTO INFORMAL E SUA PRÁTICA.**

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela seguinte Banca Examinadora:**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Msc. Roseli Peixoto Grubert Martinez**

---

**Professora do Curso de Letras, UEMS**

**Prof. Msc. Ruberval Franco Maciel**

---

**1º Examinador**

**Prof. Hudson Lolli Ghetti**

---

**2º Examinador**

**Jardim - MS, 19 de Dezembro de 2011**

*Dedico este trabalho as pessoas mais importantes em minha vida. Meus queridos pais, Gilmar e Margareth por acreditarem em mim e por terem me ajudado em todos os momentos que precisei.*

*Obrigada por me proporcionarem a realização deste sonho tão desejado.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por me proporcionando esta oportunidade de concluir meu curso.

A minha mãe Margareth, ao meu pai Gilmar e a minha irmã Michele por todo amor e carinho que me deram.

A Prof. Msc. Roseli Peixoto Grubert Martinez pelas orientações para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Msc. Ruberval Franco Maciel pelas leituras e explicações quando precisei.

Ao professor Hudson Lolli Ghetti por aceitar participar da minha banca.

A minha querida amiga Thaynara Gheller por estar sempre disposta a me ajudar e por acreditar em mim.

A minha querida amiga Edilene Botelho que sempre me incentivava a ler, sempre me dizendo para não desistir.

A minha querida amiga Elaine Teixeira por sempre me buscar na rodoviária quando precisava ir mais cedo para a faculdade.

A minha amiga Themis Rondão pelos textos emprestados para a realização deste trabalho e pela ajudas nas correções de última hora.

A minha querida professora que participou desta pesquisa respondendo às perguntas através de entrevista.

Enfim, a todos que direta e indiretamente compartilharam do meu sonho.

## RESUMO

Esta pesquisa procura explorar a trajetória de uma professora de Língua Inglesa formada em contexto informal na sua prática. O objetivo principal é compreender como um professor consegue ensinar uma segunda língua sem ter passado pelo processo de formação no qual envolve a aquisição dos conhecimentos linguísticos que a faculdade nos proporciona. Minha proposta de pesquisa é mostrar que essa professora consegue ensinar a língua inglesa sem ter passado por uma faculdade.

**Palavras chave:** 1. Formação de Professores. 2. Métodos. 3. Ensino de Língua Inglesa.

## ABSTRACT

This research search explores the trajectory of a professor of English and his informal training in their practice. The main objective is to understand how a teacher can teach a second language without having gone through the training process which involves the acquisition of linguistic knowledge that college gives us. My research proposal is to show that this teacher can teach the English language without having gone through a college.

**Key word:** 1. Teacher Development. 2. Methods 3. English Language Teaching.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
Coleta dos dados .....	12
<b>CAPÍTULO I – A TRAJETÓRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA E AS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE.</b> .....	13
1.1. Método e Abordagem .....	13
1.2. Método Gramática Tradução .....	14
1.3. Método Direto .....	15
1.4. Método Áudio- lingual .....	15
1.5. Abordagem Comunicativa.....	16
1.6. Pós- Método.....	17
<b>CAPÍTULO II – A PROFESSORA E SUA TRAJETÓRIA.</b> .....	20
2.1. Competências do professor de língua estrangeira .....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	25
<b>ANEXOS</b> .....	26

## INTRODUÇÃO

A formação de professores tornou-se tema recorrente nas discussões acadêmicas dos últimos trinta anos, a partir especialmente da década de 1990, possibilitando um debate fundamentado em pesquisas empíricas e teóricas e, portanto, um debate mais qualificado sobre o tema. Apesar do crescimento expressivo da pesquisa universitária e da produção editorial no campo da formação de professores, trazendo reflexões acerca da importância do professor, muito pouco se faz para mudar a condição de sua formação, oferecendo um currículo comprometido com a profissionalidade e o profissionalismo docente.

A presença das tecnologias nos mais diversos setores da sociedade contemporânea parece ser irreversível, portanto, orientar os profissionais de ensino para uso das novas tecnologias de informação e de comunicação como tecnologias interativas em projetos pedagógicos tanto no seu desenvolvimento contínuo quanto na sua prática pedagógica se faz urgente.

A formação oferecida para os professores de inglês não tem sido suficiente, por outro lado, a formação de docentes na universidade também não tem correspondido às diferenças e necessidades que são vivenciadas nas escolas. Monte Mór, (2007), diz que “Uma política de ensino preocupada com melhorias na educação precisa enfatizar questões que podem fazer a diferença: programa mais realista de formação, valorização da profissão e integração das universidades com escolas de educação básica”.

O interesse em querer realizar um trabalho monográfico envolvendo a língua inglesa surgiu no meu primeiro ano de faculdade em 2008. Estava muito ansiosa para aprender algo em inglês na escola e aprendi começando com a gramática normativa e técnicas de tradução, porém o que mais me agradava eram a conversação e o trabalho com texto; noções estas que não foram trabalhadas com ênfase na metodologia de aula dos meus professores.

Já no Ensino Médio, a escola propunha ao aluno a opção em estudar a Língua Inglesa ou Língua Espanhola, e devido à insegurança e ao ensino limitado que tive no Ensino Fundamental, optei pela Língua Espanhola. Ao término do Ensino Médio fiz o vestibular e iniciei a graduação em Letras com habilitação em Língua Inglesa.

A metodologia adotada pela professora, já nas primeiras aulas da graduação, me motivou e, como consequência, meu interesse pelo idioma estrangeiro foi despertado. Assim,

à vontade em realizar um trabalho monográfico envolvendo a Língua Inglesa e o processo de se formar professor para atuar em sala de aula me levaram a querer pesquisar como as identidades de professores são construídas.

Nas aulas ministradas na disciplina de Língua Inglesa I, admirava as explicações da professora regente ao realizar a aula, pois a segurança dela na pronúncia das palavras despertava-me, aguçando minha sede de aprendizado, fato este que me levava a interagir nas aulas indagando sempre com as questões da linguagem, pronúncia e tradução.

A aspiração por falar a língua inglesa de maneira fluente para posteriormente ministrar aulas da disciplina, levou-me a estudar em um curso de línguas onde o cursei por período de três anos e meio. No primeiro dia do curso, fiquei toda nervosa; perguntava-me sem parar “será que vou conseguir aprender esse inglês?”. No decorrer do curso aprendi bastante conteúdo, a cada dia era um novo tema era abordado; a professora sempre com vontade de ensinar nos incentivando a aprender, justificando que, com o aprendizado de um idioma distinto do nosso, as oportunidades no meio profissional seriam mais amplas e variadas.

Quando estava cursando o 3º ano de Letras, fui convidada a substituir a professora do curso onde estudava por uma semana, quando dei aulas para crianças. No segundo semestre, aprofundei os estudos sobre formação de professor com as aulas da disciplina Estágio Supervisionado em Língua Inglesa I. Vi a disciplina como mais uma oportunidade de dar aulas de inglês, mas desta vez, no ensino fundamental em uma escola estadual.

Logo de início, pude perceber a diferença no ensino e alunos, sendo que na escola X<sup>1</sup> todos têm materiais e podem fazer um curso de idiomas e na outra escola, a Y<sup>2</sup>, poucos tinham materiais e nem sempre podiam se beneficiar em fazer cursos particulares.

Diferentes grupos sociais, numa mesma cultura, usam materiais escritos de formas diferentes, em diferentes conjuntos de habilidades e linguagem, o uso da escrita em materiais impressos varia muito entre as classes sociais mais favorecidas e as menos favorecidas (GEE, 2000).

Já no quarto ano de curso, na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II, minha experiência em sala de aula teve foco no ensino médio, e para termos um embasamento sobre o ensino médio, nossa professora nos passou um documento, Orientações Curriculares para o Ensino Médio<sup>3</sup>, na parte de conhecimentos de Línguas Estrangeiras.

---

<sup>1</sup> Curso livre de línguas

<sup>2</sup> Escola pública da rede estadual

<sup>3</sup> Deste ponto em diante me referirei a este documento como OCEMS.

As OCEMS têm por objetivo ampliar as discussões iniciadas pelos PCNs<sup>4</sup>, bem como retomar a reflexão sobre a função educacional do ensino de línguas estrangeiras para o ensino médio e ainda dar sugestões sobre a prática de ensino de Línguas Estrangeiras.

Passado por tudo isso, envolvendo a Língua Inglesa, surgiu-me o interesse em fazer uma pesquisa, na qual busco explorar a trajetória de uma professora de Língua Inglesa formada em contexto informal na sua prática. O objetivo principal desta pesquisa *é compreender como um professor consegue ensinar uma segunda língua sem ter passado pelo processo de formação no qual envolve a aquisição dos conhecimentos linguísticos que a faculdade nos proporciona?*

Para dar conta do meu objetivo principal, o percurso metodológico me levou a optar por fazer uma pesquisa etnográfica que me possibilito a coleta de dados através de entrevista com uma professora.

### **Coleta dos dados**

Os dados para esta pesquisa foram coletados através de uma entrevista com duração de 12 minutos, na qual usei um roteiro com perguntas abertas. A entrevista foi realizada no curso de idiomas onde a professora trabalha. O curso de idiomas oferece ensino para crianças e adolescente, e funciona no período matutino e vespertino.

Este trabalho está dividido em dois capítulos: A Trajetória e a formação do Professor de Língua Inglesa e a implicação para a prática docente, Monte Mór (2011), Santos (2008) e Abrahão (2011), e A trajetória da professora. E finalmente, nas considerações finais, apresento reflexões e possíveis questionamentos para trabalhos futuros, seguidas de referenciais bibliográficos e anexos.

---

<sup>4</sup> Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio.

# **CAPÍTULO I – A TRAJETÓRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA E AS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE**

A tradição da formação do professor de Língua Inglesa tem sido pautada no enfoque abordado sobre os métodos e técnicas de ensino. Sobre este aspecto Monte Mór (2011) critica que, em tempos de linguagem digital, os professores nem sempre dão conta de preparar os aprendizes para as novidades que gradativamente emergem na sociedade. Pois a formação deste professor de línguas está voltada para o ensino estruturalista, que o preparou para a docência que se concentra em reproduções linguísticas para a formação do ser humano.

Em relação a este modelo de formação de professores, centrado na metodologia tradicional, Monte Mór (2011), diz que se mostra insuficiente para formar um professor que vai preparar o aluno para agir em uma sociedade onde a tecnologia está cada vez mais presente, embora reconhecendo que a metodologia tradicional, em certos momentos colaborou e colabora para o ensino de língua inglesa. Essas transformações digitais na sociedade apontam que é necessário ir além, é preciso buscar diferentes formas de ensinar uma mesma coisa, em que todas estão a serviço do desenvolvimento do ensino.

Antes de iniciar a discussão sobre como o ensino de inglês que vem sendo realizado ao longo dos anos, apresento uma breve distinção entre os conceitos de método e abordagem.

## **1.1. Método e Abordagem**

De acordo com Brown apud Trevisan (2006, p. 1), abordagem são posições e crenças teoricamente bem fundadas sobre a natureza da língua, a natureza da aprendizagem da língua e a aplicabilidade de ambas em cenários pedagógicos.

Vem a ser então a maneira se ensinar de uma forma mais ampla, no qual envolve o assunto de uma forma geral.

Já o método vem o passo a passo do ensino, para que o aluno consiga alcançar seus objetivos linguísticos.

Os métodos tendem a se preocupar primeiramente com as tarefas e comportamentos do professor e dos alunos e, em segundo lugar, com

aspectos linguísticos, objetivos da disciplina, sequenciação da aula e material didático. Eles são pensados quase sempre como sendo amplamente aplicáveis para diferentes públicos e em diferentes contextos. (BROWN, apud TREVISAN 2006, p.2.)

Abordagens são as diferentes teorias sobre a natureza das línguas e como estas são aprendidas. Método, porém, é o modo pelo qual a língua é ensinada, sendo baseado em um sistema de princípios e procedimentos.

Serão apresentadas a seguir as principais metodologias que marcaram o ensino-aprendizagem da língua estrangeira, com ênfase na língua inglesa, e ainda será apresentada a abordagem comunicativa. Pretendo mostrar os princípios que embasam certos métodos, o papel do professor e do aprendiz.

## **1.2. Método Gramática Tradução**

Desde o século 18, e até hoje, na maioria das escolas de ensino médio a metodologia predominante foi sempre tradução e gramática. Este método surgiu com o interesse pelas culturas grega e latina na época do renascimento (SCHUTZ, 2007). O método da gramática tradução, segundo Abrahão (2011, p. 169) tem por concepção de linguagem “um sistema de estruturas governado por regras, organizado hierarquicamente”. E por concepção de linguagem a mente era vista como um músculo que necessitava de exercício rigoroso. Basicamente, esse método consiste no ensino da segunda língua pela primeira. Suas principais características, segundo Santos (2008, p 01) são: Aulas ministradas na língua materna do aluno, havendo pouco uso ativo da língua-alvo; Os alunos deverão ter domínio da terminologia gramatical e o conhecimento profundo das regras do idioma com todas as suas exceções; A leitura dos textos clássicos difíceis é feita em estágios iniciais; A tradução da língua-alvo pela língua materna é um exercício típico; Pouca atenção é dada ao conteúdo dos textos, que são usados como exercícios de análise gramatical; Pouca ou nenhuma ênfase é dada a pronúncia; Não é preciso que o professor saiba falar a língua-alvo.

Neste método o dicionário e o livro de gramática eram, portanto instrumentos úteis de trabalho. As atividades propostas abordavam exercícios de aplicação das regras de gramática, ditados e traduções. A relação professor/ aluno não existe, ele representa a autoridade, pois tem o saber. Geralmente era muito rígido o ensino-aprendizagem, não se podia errar.

Somente no final do século XX surge uma efetiva resposta ao método tradicional, mesmo porque a necessidade da habilidade oral torna-se eminente devido à expansão do mercado internacional e movimentos migratórios. Surge então o Método Direto que prega o aprendizado da língua estrangeira para a comunicação.

### **1.3. Método Direto**

O método direto tem esse nome devido à forma de abordar a língua alvo diretamente sem tradução para a língua nativa. Neste método as aulas são totalmente ministradas na língua alvo desde o início, através de situações baseadas na vida real. O conteúdo é introduzido pelo professor através de objetos também reais ou de figuras, fotos, gestos, para que o aluno associe o significado da língua estrangeira diretamente, sem tradução para a língua nativa. A iniciativa da conversação parte tanto do professor quanto dos alunos, que também conversam entre si. A gramática nunca é apresentada explicitamente, mas deve ser entendida pelos alunos.

Suas principais características, segundo Santos (2008), são: As lições começam com diálogos e anotações breves; Ilustrações e ações são usadas para esclarecer o significado desse material; Não é permitido o uso da língua materna; O professor não precisa saber falar a língua materna do aluno. Assim sendo, ele deve ser fluente na língua-alvo ou nativo; Alunos avançados lêem textos literários por prazer e os textos não são analisados gramaticalmente.

O aluno é primeiro exposto aos fatos da língua para mais tarde chegar a sua sistematização. O uso de diálogos sobre assuntos da vida tem por objetivo tornar viva a língua usada na sala de aula. O ditado é abolido.

### **1.4. Método Áudio-lingual**

O método Áudio-lingual, segundo Abrahão (2011), surgiu em 1940 a partir das idéias geradas pela linguística descritiva e pela psicologia behaviorista. Sua meta vem ser a de tornar os alunos capazes de usar a língua - alvo comunicativamente. Para isso, eles precisam aprendê-la automaticamente sem parar para pensar, formando novos hábitos na língua alvo e superando os antigos hábitos de sua língua nativa. O conteúdo é estrutural, sendo apresentado em diálogos iniciais. Para que esses diálogos sejam apreendidos, segundo Abrahão (2011), usamos a memorização, exercícios mecânicos de repetição e a partir deles, são conduzidos exercícios para fixação dos conteúdos e vocabulário.

A competência oral recebe maior atenção, devido à meta de tornar nossos alunos capazes de usar a língua inglesa como algo diário. A pronúncia é ensinada desde o começo, geralmente com os alunos trabalhando em laboratórios de línguas e em atividade em pares para treinarem a conversação.

Os objetivos deste método, segundo Santos (2008), são; O aluno deve primeiro ouvir, depois falar, e então ler, para finalmente escrever na L2; Baseia-se na análise contrastiva entre a língua materna (L1) e a língua-alvo (L2); O material novo é apresentado sob forma de diálogo; Depende-se da mímica, da memorização de um conjunto de frases e da aprendizagem intensiva através da repetição, pois se acredita que a língua é aprendida através da formação de hábitos do tipo S – R – R (estímulo – resposta – reforço); Há uma seqüência nas estruturas gramaticais, que são aprendidas uma de cada vez; Há pouca ou nenhuma explicação gramatical; a gramática é ensinada indutivamente; Nos estágios iniciais, o vocabulário é rigorosamente controlado e limitado. E a pronúncia é enfatizada desde o início; Há um grande empenho em se evitar que os alunos cometam erros; Há o uso insistente de fitas gravadas, laboratório de línguas e material visual; As respostas certas são automaticamente reforçadas positivamente; É permitido o uso controlado da língua materna do aluno; Pode-se comparar o professor a um treinador de animais, como um papagaio, por exemplo; Dá-se importância ao aspecto cultural da língua-alvo (L2); Há grande tendência em se manipular a linguagem sem preocupação com o conteúdo.

### **1.5. Abordagem Comunicativa**

Esta abordagem é um sistema para a expressão de significados. Sua função primeira, segundo Abrahão, (2011, p. 172) *é a interação e a comunicação*. Assim a meta desta abordagem é tornar os alunos comunicativamente competentes. É preciso ser capaz de usar a língua apropriadamente dentro de um contexto social. É fundamental que o falante saiba escolher entre diferentes estruturas a que melhor se aplica às circunstâncias da interação entre ele e o ouvinte ou, entre o escritor e leitor.

Saber comunicar significa ser capaz de produzir enunciados linguísticos de acordo com a intenção de comunicação e conforme a situação de comunicação. O essencial de uma situação de comunicação reside, portanto, nas relações entre estes diversos planos ou diversos componentes. (CESTARO, 2006).

Neste método não existe ordem de preferência na apresentação das habilidades (*listening, speaking, reading, writing*) nem restrições maiores quanto ao uso da língua



materna. Em cursos livres as habilidades são trabalhadas de modo integrado, mas dependendo dos objetivos poderá haver concentração em uma só. A abordagem comunicativa é a mais conhecida no Brasil, todos os seus métodos, procedimentos e princípios, o papel e a atitude do professor e dos alunos, bem como uma outra série de características estão voltadas para enfatizar o aspecto comunicativo da língua. Esta abordagem preza-se por atividades comunicativas, simplesmente porque ela estabelece que a comunicação é a parte central do aprendizado e uso de um idioma.

Na abordagem comunicativa, segundo Santos (2008), suas características principais, são: Dão-se maior importância às necessidades de comunicação do aluno; Dá-se ênfase ao modo como usar determinada forma para atingir determinada necessidade de comunicação; O material de ensino baseia-se muito mais no aluno; Há uma participação ativa do aluno no processo de aprendizagem através de dramatizações e trabalhos em grupo.

Esta abordagem dá muita importância as atividades dos alunos no sentido de favorecer suas produções, dando ao aluno uma oportunidade de produzir na língua estrangeira e o ajudando a vencer suas dificuldades. De acordo com Martins-Cestaro (2006, p. 11), a aprendizagem é “centrada no aluno, não só em termos de conteúdo, como também de técnicas usadas em sala de aula”.

## **1.6. Pós- Método**

O pós-método, segundo Kumaravadivelu (2003), significa a busca de uma alternativa para o método, em detrimento de um método alternativo, ou seja, o pós-métodos não pretende ser uma nova metodologia, mas uma olhar diferenciado para o ensino da Língua Inglesa. Ele dá oportunidade para o professor adequar suas posturas metodológicas para o contexto local que está inserido.

O pós - método, segundo Kumaravadivelu (2003, apud ABRAHÃO, 2011, p. 160) envolve três atributos inter-relacionados: um seria a busca de uma alternativa para o método que melhorasse o ensino e não um método alternativo qualquer; a autonomia do professor que em alguns casos deve ser pensadas e, por fim, um pragmatismo, o ensino baseado em princípios, teorias.

Segundo Kumaravadivelu (2003, apud Abrahão 2011, p. 160), afirma que:

A condição pós-método *empodera* os professores a construir teorias pessoais de ensino e estratégias locais e inovadoras para os diferentes

contextos de aprendizagem; reconhece o potencial do professor para lidar com limitações impostas pelo contexto institucional e o professor como aquele que tem habilidade para desenvolver uma abordagem crítica que lhe permita a auto-observação, auto-análise e a auto-avaliação, de forma a promover eficiência de seu trabalho, construindo a relação teoria e prática.

Uma pedagogia do pós-método, por sua vez, consiste de três parâmetros: particularidade, praticidade e possibilidade.

O primeiro parâmetro é a particularidade que determina que qualquer prática de ensino de línguas seja compassível a um grupo particular de professores que deve ensinar um grupo particular de alunos que busca um conjunto particular de objetivos, que vem a ser o de aprendizado da Língua Inglesa. Esse ensino particular deve ser dentro de um contexto particular, no qual todos buscam um querer.

Entendo que este parâmetro deve ser sensível ao grupo de professores e alunos, aos quais ela está direcionada, levando em consideração os objetivos, o contexto e fatores sócio-culturais.

O segundo parâmetro é a praticidade, que segundo Kumaravivelu (2003), envolve a geração de teorias do professor e a partir de sua própria atividade de ensino. Este parâmetro não diz respeito apenas à prática pedagógica, mas a relação existente entre teoria e prática. De acordo com (Abrahão, 2011, p. 161), a construção de teorias da prática, “envolve reflexão e ação, ou seja, a busca de compreensão e identificação de problemas, a análise e a busca de informações, a consideração e a avaliação de alternativas e a escolha de novas alternativas”.

O terceiro e último parâmetro é o da possibilidade, que é derivado da pedagogia crítica de Paulo Freire e envolve fazer uso da consciência sociopolítica, que usamos para expressar nossas opiniões. “Essa consciência é trazida pelos participantes do contexto da sala de aula como catalisador para a formação da identidade dos envolvidos e para a formação social”. (Abrahão, 2011, p. 161).

Na expectativa de um ensino que também eduque e sirva a quem ele deve servir Kumaravivelu (2003), diz que a escolha de uma pedagogia pós-método possibilita que a prática do professor se adapte as suas aulas de acordo com a realidade local.

Ao analisar as metodologias de ensino aqui citadas, pude entender que todas privilegiam o estudo da língua, ora vista como um conjunto de palavras de vocabulário, ora de estruturas gramaticais. Algumas metodologias levam em conta os processos ou condições de aprendizagem. O professor representa o saber, a autoridade, o modelo a ser seguido, exceto

para a abordagem comunicativa, na qual o professor assume vários papéis e não é visto como uma autoridade.

Já que apresentei a evolução dos métodos e como isso modelou a prática de professores, mas em alguns momentos de ensino isto não deu muito certo como apontam pesquisas. E há uma preocupação em melhorar o ensino e Monte Mór é uma das pesquisadoras que faz críticas e está sugerindo uma alternativa, sobre a formação de professores, que vem a ser um projeto de formação de professores que propõe corresponder às necessidades de hoje, preocupa-se com reconstruções por meio de discussões, elaborações, divulgação de pesquisa, com um saber e fazer que não estejam necessariamente prontos, com o desenvolvimento de habilidades que possibilitam o conhecimento de professores e alunos.

A seguir analiso por meio de entrevista a trajetória de uma professora de língua inglesa.

## CAPÍTULO II – A PROFESSORA E SUA TRAJETÓRIA.

Este capítulo tem por objetivo discutir a trajetória de uma professora<sup>5</sup> formada em contexto informal quanto a sua competência comunicativa em formar falantes da Língua Inglesa.

### 2.1. Competências do professor de língua estrangeira

Em relação à formação de um profissional pleno na área de línguas, Almeida Filho (1993) defende que um trabalho adequado de formação de professores de língua estrangeira deve promover o desenvolvimento das seguintes competências: competência aplicada; teórica; implícita; profissional e linguístico - comunicativa.

A *competência aplicada* é aquela que proporciona capacidade ao professor de ensinar conscientemente de acordo com teorias, pesquisas e estudos da área; *competência teórica* é aquela que vamos buscando nos escritos, nos resultados de pesquisa de outros e o que o professor já articula, de maneira que aquilo que ele faz vai ficando mais próximo daquilo que sabe que leu; *competência implícita* é definida como um conjunto de intenções, crenças e experiência adquiridas pelo professor, durante todo seu processo de formação; *competência profissional* é denominada por Almeida Filho (1993) como a mais nobre das competências. Ela se caracteriza pela consciência do professor sobre seus papéis de educador, facilitador, criador de oportunidades, passíveis de aperfeiçoamento; a *competência comunicativa* abrange o conhecimento implícito que o professor tem do sistema abstrato da língua e sua capacidade de uso da/na língua alvo em que atua.

Professores de língua precisam mais do que a competência linguística para ajudar seus alunos a conseguirem um resultado na sua comunicação. Eles também precisam da competência pedagógica para desenvolver aquela linguagem que terá melhor resultado em sala de aula.

Segundo PAIVA (1997), o professor de inglês deveria ter, além de consciência política, bom domínio do idioma (oral e escrito) e sólida formação pedagógica com aprofundamento em linguística aplicada. Mas a personagem desta pesquisa trabalha há vinte

---

<sup>5</sup> Formada em Letras há quatro anos e atua como professora de Língua Inglesa há vinte anos no curso de idiomas na qual é dona. Mora na cidade do interior de MatoGrosso do Sul.

anos como professora de Língua Inglesa e só agora foi se formar em Letras, como ela mesma diz:

**“Eu fui me formar em Letras há pouco tempo, graças a essas benditas faculdades a distância, porque a gente que mora longe, que não tem oportunidade de estuda, assim à faculdade eu acho que foi um grande salto que a gente deu na educação. Então eu me formei, fui ter habilitação comprovada no certificado em 2007.”**

Essa professora domina bem o idioma, como Paiva (1997) diz, mas a formação com aprofundamento linguísticos só teve agora, porque quando era adolescente teve a oportunidade de ir para os Estados Unidos durante seis meses, e isso a ajudou muito, a melhorar seu inglês, como ela mesma afirma:

**“Bom, na época eu tinha uma bagagem muito boa, porque eu sempre treino muito meu inglês, com as pessoas de fora, com os professores, apesar de você, eu morei fora que me ajudou muito, porque você fora do país, você é obrigado a pensar no idioma e isso ajuda muito porque nosso cérebro é acomodado, é preguiçoso, porque que eu vou falar num idioma se o meu é mais fácil, as pessoas entendem, então a gente mesmo se acomoda.”**

O ensinador de línguas hoje, segundo Almeida Filho (2011), precisa também ser educador, formador de cidadania, humanizador e formador da consciência crítica de linguagem na nova língua. A importância pautada na relação do novo ensinador e pautada, quando a personagem afirma:

**“Além de tudo aqui a gente não só ensina inglês, ensinamos o que é certo, o que é errado, falamos sobre meio ambiente, cidadania, sobre vários temas mais no inglês”.**

Outra área de crescimento é a das atitudes positivas, respeitadas ou minimamente tolerantes em relação às culturas da nova língua tornando nossos alunos mais flexíveis e abertos à diversidade humana, Almeida Filho (2011).

**“Eu fiz um curso de intercâmbio e morei nos EUA seis meses. (...) Adorei, foi super assim, uma experiência enriquecedora não só pra você aprende inglês, o idioma, mas principalmente a cultura de outro país, como eles valorizam como eles ensinam seus filhos, quais são as prioridades que eles tem na cultura deles (...) nós somos preparados pra ser um cidadão do mundo, pra aceita diferenças, as diferentes formas de culturas.”**

Essa melhora ajuda, por sua vez, a pôr em perspectiva a própria cultura do aluno destacando suas características, origens e evolução, valorizando-a e, eventualmente, sendo até críticos de alguma de suas manifestações.

**“mas não podia falar no nosso idioma nativo, você tinha que falar inglês, porque a gente era ensinado, se a gente falasse numa língua que as pessoas não entendessem é falta de educação. Ai você gera nas pessoas a desconfiança, porque estão falando uma coisa que eu não entendo, será que estão falando de mim”.**

Segundo Almeida Filho (2011, p. 116), é por meio do estudo de pelo menos uma outra língua, que o aluno pode ainda conseguir novos conhecimentos úteis de outras áreas e disciplinas e campos de trabalho aumentando sua base de saberes e, conseqüentemente, suas chances de sucesso na vida.

A professora afirma que aprender inglês pode:

**“nos ajudar a ser um profissional, um bom cidadão, responsável eu acho que é muito importante. O inglês é um idioma que a gente tem assim, um grau de importância, porque em qualquer lugar que você vá para o exterior é o segundo idioma de todos”.**

Essa fala da professora nos mostra que ao aprender uma nova língua, equipamos-nos, por fim, a nos livrar do paroquialismo de sermos monolíngues e de vermos o mundo só de uma maneira como se ela fosse à única possível ou a maneira natural de fazê-la.

A participante desta pesquisa mesmo sem ter uma formação adequada quando começou a dar aulas, independente de qualquer metodologia que usou e usa, formou e forma falantes, até hoje, como demonstra nessa fala:

**“então quantos alunos passaram pela gente, quantos pais que a gente encontra, assim ficam orgulhosos, meu filho foi pra Campo Grande pra São Paulo, pra vários lugares e se deram bem, gabaritaram o inglês, estudam em escola militar e o inglês ta tranquilo, quer dizer isso é muito bom”.**

A competência dessa professora é moldada, a partir do momento em que começou um curso de inglês, quando viajou para os Estados Unidos e quando começou a dar aulas. Quando questiono, como a participante se tornou professora, ela diz que:

**“Eu me tornei professora, assim, porque morava numa cidade muito pequena, eu sempre fui acostumada a trabalhar (...) e a única coisa que eu sabia fazer era falar inglês (...) compartilhar com os outros”.**

A personagem desta pesquisa pode mostrar que apesar de não ter uma formação na qual poderia lhe proporcionar o conhecimento de todas as competências apresentadas nesse capítulo, mas provou que com a aprendizagem da língua inglesa que teve quando era criança, com a viagem para os Estados Unidos e com as aulas que começou a dar, conseguiu formar falantes de uma segunda língua, livre de qualquer método e de qualquer teoria, usou apenas a sua competência para ensinar os outros.

Acredito que todos os professores tenham pontos fortes e fracos no ensino da língua inglesa. Porém, ao contrário do que a grande maioria das pessoas acredita o bom professor de inglês não precisa ser um falante nativo da língua. O fato de o professor falar a mesma língua do aluno ajuda muito na hora de resolver determinados problemas de compreensão. Isto economiza tempo de aprendizado bem como de ensino. Ou seja, não há problema algum do ponto de vista pedagógico e linguístico que o professor fale em português com seus alunos quando necessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho monográfico procurei compreender a trajetória de uma professora de Língua Inglesa formada em contexto informal na sua prática. Meu objetivo principal foi o de compreender como um professor consegue ensinar uma segunda língua sem ter passado pelo processo de formação no qual envolve a aquisição dos conhecimentos linguísticos que a faculdade nos proporciona.

A professora através da sua competência de ensinar os outros, provou que é capaz sim de formar falantes de língua inglesa, sem ter os conhecimentos linguísticos que a faculdade nos proporciona.

Posto que a realidade brasileira de ensino de línguas estrangeiras possui, em parte, relações diretas com os contextos de formação dos professores que estão em atuação, sendo assim, são imprescindíveis o engajamento dos formadores de professores rumo a mudanças efetivas tanto em suas próprias práticas quanto na conscientização dos professores em formação.

Este trabalho de conclusão de curso que pretendo melhorá-lo, me possibilitou conhecer um pouco mais sobre o ensino da língua inglesa, envolvendo seus métodos de ensino aprendizagem e suas competências na formação de professores,



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 1ª edição. Campinas: Pontes, 1993, 75p.

\_\_\_\_\_. **Um guia do processo de formação de professores de língua(s) por competências**. MACIEL, Ruberval Franco e ARAÚJO, Vanessa de Assis. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

CESTARO, Selma Alas Martins. **O Ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia**. Universidade Federal Rio Grande do Norte/ Usp. 2006.

KUMARAVADIVELU. B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching**. Yale; Yale University, 2003. MACIEL, Ruberval Franco e ARAÚJO, Vanessa de Assis. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

PAIVA, V.L.M.O. A identidade do professor de inglês. *In: APLIEMGE: ensino e pesquisa*. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. P. 9-17

SANTOS, Jilvania Lima dos. **As metodologias do ensino de línguas estrangeiras**. Salvador: Rascunho Digital, FACED/UFBA, s/d. Disponível em: [www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital).

TREVISAN, Suzana. **Reflexões sobre os objetivos das aulas de línguas estrangeiras na escola regular**. Instituto de Letras. (UFRGS). 2006

VIERA ABRAHÃO, Maria Helena. **A formação e o desenvolvimento do professor de línguas**. MACIEL, Ruberval Franco e ARAÚJO, Vanessa de Assis. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

SCHUTZ, Ricardo. **O Aprendizado de Línguas ao Longo de Um Século**. 2007.

## **ANEXOS**

**Anexo A:** Entrevista com a professora Ana.

### **1. Porque as pessoas precisam aprender inglês?**

**R:** Bom eu acho que não é só o inglês né, a gente precisa aprender sempre, saber de tudo, tudo eu acho que a gente pode aprender, pra nos ajudar a ser um profissional, um bom cidadão, responsável eu acho que é muito importante. O inglês é um idioma que a gente tem assim, um grau de importância, porque em qualquer lugar que você vá para o exterior é o segundo idioma de todos. Então se você vai pro Japão e não sabe falar o japonês, tem alguma dúvida, você pode usar o inglês e assim com todos os outros países, na maioria dos outros países. É o segundo idioma de qualquer nação, então por isso que é muito importante.

### **2. Porque você quis aprender o inglês?**

**R:** Na verdade eu não quis aprender inglês, minha mãe conta uma historia até hoje e é muito engraçado, porque ela teve que começa a fazer inglês comigo pra me incentivar. Eu sou carioca, morava no Rio de Janeiro, eu morava em Copacabana, minha mãe mora em Copacabana, e a cultura inglesa era no posto 6, então eu ia pela beira mar, tranquila e eu tinha que ganha um Chicabom, que é o picolé da Kibon, e minha mãe ia comigo, e eu ia xingando ate a ultima geração. Resumindo a historia, eu casei vim morar em Bela Vista, e sempre quis trabalhar, fazer alguma coisa e eu pensava o que eu posso fazer, a única coisa que eu sei fazer é falar inglês, e abri uma escola de inglês, então na verdade eu não quis, eu fui incentivada, e na verdade no começo até obrigada a fazer, porque meu pai falava, a única obrigação que a gente tinha era estudar, já era uma coisa que a gente tinha que fazer mesmo.

### **3. Quanto tempo estudou inglês?**

**R:** Vixii, até hoje, estudo a vida inteira, eu estudo desde o ensino primário. Antigamente a gente começava bem cedo e na escola que a gente estudava chamava Colégio Jacobina, era em Botafogo, tinha o Jacobina de meninas e mais pro fundo o Sanguinatos, que era dos meninos. Então não era uma escola religiosa as das meninas, mas ela a diretora da escola, que era a Dona Laura Jacobina, era uma pessoa de uma religiosidade muito grande, então dentro da escola que era imensa tinha uma capela, então você não só aprendia português, matemática, você aprendia tudo, francês, inglês, tinha de tudo, então preparava o aluno pro mundo, pra vida. Eu estudo até hoje, eu fazia inglês que na época da escola ele era uma parceria com um curso de idiomas que tinha no RJ que na época era o IBEU- Instituto Brasil-

Estados Unidos, e mesmo assim eu fazia um curso extra que era a cultura inglesa, ponto 6 pertinho da minha casa.

#### **4. Usou a internet em algum tipo de aprendizado?**

**R:** Sim, com certeza. A gente ta sempre procurando aprender mais e a gente tem ainda mais hoje em dia, que tem vários cursos online que você pode ta fazendo pra aumentar o seu conhecimento, ou pra procurar exercícios pra você ir praticando aprofundando o que você já sabe.

#### **5. Já morou fora?**

**R:** Sim, eu morei fora na época, a 100 anos atrás, em 1972 eu fiz um curso de intercambio e morei nos EUA seis meses. E foi assim, meu primo Lúcio, ele tinha ido por esse programa que é o Your for,,,(não compreendi o resto), que é muito famoso no RJ, e ele chego na minha casa contando pro meu pai que foi maravilhoso. Meu pai estava jantando, virou e disse para mim:

Pai: Você quer ir?

Prof.: eu quero.

Meu primo falo da inscrição que era até sexta-feira, e isso foi numa quarta ou terça-feira. Meu pai falou que ia viabilizar o recurso financeiro, e você vai fazer a inscrição, a prova se você passa você vai, ai fica combinado, eu fiz a prova, passei, fui para EUA, que dizer a gente resolveu assim num tapa, sabe assim numa sentada, numa noite, sabe assim sem muito planejamento, vou não vou, fui adorei, foi super assim, uma experiência enriquecedora não só pra você aprende o inglês, o idioma, mas principalmente a cultura de outro país, como eles valoriza, como eles ensinam seus filhos, quais são as prioridades que eles tem na cultura deles, então ai depois eu não queria volta em junho e a minha família de lá, eu não tive nenhum problema de adaptação, nenhum problema de família, nada então, foi muito legal e na região que eu fiquei, ficou a Patrícia uma menina chilena, fico o Mario Pesona, hoje ele é um grande palestrante, ele é arquiteto, escritor, ele tem mil e umas atividades, e ele é de SP, ele ate veio em Campo Grande fazer uma palestra sobre marketing, ele faz um montão de coisas assim interessantes. Nos ficamos no Missouri, numa cidade pequena e ficamos ali um perto do outro, mas não podia falar no nosso idioma nativo, você tinha que falar inglês, porque a gente era ensinado, se a gente falasse numa língua que as pessoas não entendessem é falta de educação. Ai você gera nas pessoas a desconfiança, porque estão falando uma coisa que eu

não entendo, será que estão falando de mim, então somos preparados pra ser um cidadão do mundo, pra aceita as diferenças as diferentes formas de culturas, eu fui e fiquei seis meses.

## **6. Como se tornou professora de inglês?**

**R:** Bom, na época eu tinha uma bagagem muito boa, porque eu sempre treino muito meu inglês, com as pessoas de fora, com os professores, apesar se você, eu morei fora que me ajudou muito, porque você fora do país, você é obrigado a pensar no idioma e isso ajuda muito porque nosso cérebro é acomodado, é preguiçoso , porque que eu vou falar num idioma se o meu é mais fácil, as pessoas entendem, então a gente mesmo se acomoda. Então, assim eu procuro estudar, não tinha faculdade, porque eu fiz faculdade de jornalismo, ai eu casei tranquei, quando transferi pra PUC do RJ, o Geraldo (esposo) veio pra Bela Vista, eu mexo com meus alunos, o que a gente não faz por um grande amor. Então eu vim pra cá, e não consegui mais estudo, eu fui me formar em Letras há pouco tempo, graças a essas benditas faculdades a distancia, porque a gente que mora longe, que não tem oportunidade de estuda, assim a faculdade eu acho que foi um grande salto que a gente deu na educação. Então eu me formei, fui ter habilitação comprovada no certificado em 2007, e foi muito bom, porque eu comecei a dar aula em casa, ai eu já tinha tanto aluno, que eu tinha que me organizar melhor. Ai comecei a cultura, que ano que vem faz 20 anos que tem cultura em Bela Vista, então quantos alunos passaram pela gente, quantos pais que a gente encontra, assim ficam orgulhosos, meu filho foi pra Campo Grande pra SP pra vários lugares e se deram bem, gabaritaram o inglês, estudam em escola militar e o inglês ta tranquilo, quer dizer isso é muito bom, além de tudo aqui a gente não só ensina inglês, ensinamos o que é certo, o que é errado, falamos sobre meio ambiente, cidadania, sobre vários temas mais no inglês.

Então eu me tornei professora assim, porque pensava eu morava numa cidade muito pequena , eu sempre fui acostumada a trabalhar, então trabalha pra mim é uma coisa que me faz muito bem, e a única coisa que eu sabia era falar inglês. Uma vez eu queria montar uma livraria, ai o Geraldo falo que na livraria só vão ficar duas pessoas, você e alguém que vai trabalhar com você. Porque a gente não tem essa cultura de lê, livro é muito caro, então eu vou montar um curso de inglês que é o que eu sei fazer, e foi dividindo um pouco que eu sei com as outras pessoas. Isso é uma forma de ser cidadão, você dividir com as pessoas o que você sabe, não sei muito, não sei tudo, a gente tem sempre que aprender, sempre temos que estar atualizando, participando de palestras, workshops, e aprimorar o que você sabe na verdade, eu virei professora porque era a única coisa que eu sabia fazer, compartilhar com os outros.